



*Artigo*

## **A hospitalidade acadêmica na Universidade Federal de Ouro Preto: estudo das relações e práticas de acolhimento institucional**

The academic hospitality of the Federal University of Ouro Preto:  
study of the relations and practices of institutional host

La hospitalidad académica de la Universidad Federal de Ouro  
Preto: estudio de las relaciones y prácticas de acogimiento  
institucional

Mayara Dias Costa - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Leandro Benedini Brusadin- Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

---

**Palavras-chave:**

Hospitalidade Acadêmica;  
Dádiva;  
Inclusão Social;  
Universidade Federal de Ouro Preto.

**Resumo**

A hospitalidade é a razão pela qual o indivíduo é capaz de acolher o outro na sua impossibilidade e na sua dificuldade sem articular explicitamente um retorno para si. O presente artigo tem por objetivo de abordar a ideia de hospitalidade na academia, a partir de um estudo de caso na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) fruto dos resultados de um projeto de iniciação científica. O pressuposto teórico se utiliza de autores franceses como Derrida, Mauss e Gotman, além de autores brasileiros que trabalham a temática da hospitalidade em seu cunho social. Além do debate teórico, o trabalho traz um levantamento com relatos e informações de projetos de acolhimento social aos estudantes da UFOP. Conclui-se que o conceito de hospitalidade no viés acadêmico pode ser aprimorado por meio de uma política que fomente a inclusão social no âmbito universitário que, no caso apresentado, é realizado por meio de alguns projetos institucionais.

---

**Keywords:**

Academic Hospitality;  
Gift;  
Social Inclusion;  
Federal University of Ouro Preto.

**Abstract**

Hospitality is the reason why the individual is able to welcome the other in their impossibility and in their difficulty without explicitly articulating a return for yourself. This paper aims to address the idea of hospitality in academia, from a case study at the Federal University of Ouro Preto (UFOP) resulting from the results of a scientific initiation project. The theoretical assumption uses French authors such as Derrida, Mauss and Gotman, as well as Brazilian authors who work on the theme of hospitality in its social

nature. In addition to the theoretical debate, the paper brings reports and information about social care projects for UFOP students. It is concluded that the concept of hospitality in academic terms can be improved through a policy that promotes social inclusion at the university level, which, in the case presented, is carried out through some institutional projects.

**Palábras clave:**

Hospitalidad Académica;  
Regalo;  
Inclusión social;  
Universidad Federal de Ouro Preto.

**Resumen**

La hospitalidad es la razón por la que el individuo es capaz de acoger al otro en su imposibilidad y en su dificultad sin articular explícitamente en un retorno para sí mismo. Este artículo tiene como objetivo abordar la idea de la hostelería en la academia, a partir de un caso de estudio en la Universidad Federal de Ouro Preto (UFOP) resultante de los resultados de un proyecto de iniciación científica. El supuesto teórico utiliza autores franceses como Derrida, Mauss y Gotman, así como autores brasileños que trabajan el tema de la hospitalidad en su naturaleza social. Además del debate teórico, el artículo trae informes e información sobre proyectos de atención social para estudiantes de la UFOP. Se concluye que el concepto de hospitalidad en términos académicos se puede mejorar a través de una política que promueva la inclusión social en el ámbito universitario que, en el caso presentado, se lleva a cabo a través de algunos proyectos institucionales.

Recebido em: 14/12/2020.

Aprovado em: 12/07/2021

Revisado por pares.



**Como citar APA:** Costa, M. D.; Brusadin, L. B.. (2021). A hospitalidade acadêmica na Universidade Federal de Ouro Preto: estudo das relações e práticas de acolhimento institucional. Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, Brasília, 9 (3), Set./dez 10.26512/revistacenario.v9i3.35576

## Introdução

A hospitalidade é o ato de acolher o outro de forma que situe, gratuitamente e assimetricamente, o outro além de si próprio (Gotman, 2019). A premissa da hospitalidade surge dos vínculos sociais entre indivíduos e lugares, no seu território e o território do outro, promovendo, assim, a integração social. A hospitalidade, nessa perspectiva, responsabiliza-se pelos laços entre as pessoas e, dialeticamente, a hostilidade é responsável pela quebra ou ruídos dessa relação a qual gera barreiras físicas e não físicas. Tal dimensão buscar evitar a compreensão do outro por meio de estigmas e preconceitos. Dessa forma, a reciprocidade é uma condição de troca em integração social, sem a qual pessoas tendem a perder interesse coletivo. Tal condição de troca vigora como uma norma de reciprocidade pela qual algumas sociedades antigas (Mauss, 2008) se representavam e a modernidade parece ter dificuldades de construir seus vínculos humanos diante da lógica capitalista baseada nas trocas materiais.

O objetivo geral deste artigo é estudar os processos de hospitalidade acadêmica sob as perspectivas do sistema da dádiva e da fenomenologia do acolhimento a partir de Derrida, Mauss, Gotman, Brusadin e outros autores que se baseiam na escola francesa. Além disso, propõe levantar algumas práticas de acolhimento institucional da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) para com os membros da comunidade acadêmica e suas relações com o contexto local. Por fim, o artigo almeja fomentar as premissas científicas da hospitalidade a luz da Escola Francesa do pensamento humano e suas potencialidades para a pesquisa no campo do Turismo e demais áreas do conhecimento.

Considera-se que o presente debate é relevante para o desenvolvimento do campo da hospitalidade, não somente por relacionar a uma área presente na formação e atuação do bacharel em Turismo, mas também por debater ideias que discutem o *homus academicus* e

suas relações de trocas no espaço universitário onde o curso de Turismo faz presente. Podendo assim, contribuir para ambientes mais acolhedores a todos os sujeitos envolvidos com a Universidade.

De toda forma, o que se pretende não é um conceito finalizado de hospitalidade acadêmica, mas sim, indicar a urgência de qualificar as relações humanas e as demandas dos sujeitos mais vulneráveis dentro o meio acadêmico. Para tanto, propõe-se debater o referencial teórico sobre o tema e apresentar um estudo de caso cuja pesquisa se encontra em fase preliminar a qual pode incutir debates importantes.

## Fundamentação teórica

Tem-se que o estudo teórico da Antropologia de Mauss em interface com a Filosofia de Derrida como substancial importância para compreender as relações sociais próprias da hospitalidade enquanto campo do conhecimento humano. Inseriu, nesta pesquisa, as ações possíveis de hospitalidade acadêmica como instrumentos de trocas sociais assimétricas capazes de acolher o sujeito acadêmico e seu entorno em face de sua impossibilidade ou dificuldades.

No estudo de Mauss (2008), a “coisa dada” não é uma coisa inerte: a prestação total não somente obriga a retribuir os presentes recebidos, mas também supõe as obrigações de dar, por um lado, e a de receber, por outro. Surge daí a importância que o ser humano dá para as relações com o outro na representação de ser generoso, útil e importante. Já Derrida (1995) quando aponta que mesmo que a dádiva seja um simulacro, surge o desejo de prestar conta ao outro. Para o autor, tão logo um presente (dom) é dado, ele começa a anular ele mesmo, ou as condições que tornam o presente possível também o tornam impossível. A aporia do dom desencadeia uma economia circular de troca, de retribuição, de gratidão e de generosidade que acaba por anular o próprio presente.

Neste sentido, a hospitalidade é a razão pela qual é capaz de acolher o ser inesperado na sua impossibilidade e no imprevisto com a palavra do acolhimento a qual carrega consigo sinais de abertura e, ao mesmo tempo, de constrangimento com o outro. O outro pode ser visto como um estranho em seu caráter de alteridade e diferença. Conrad Lashley, estudioso anglo-saxão de Hospitalidade, em entrevista a Brusadin (2016) afirmou que há sempre uma tendência de rejeitar o estranho sob o ponto de vista social e psicológico. Em outra entrevista publicada por Brusadin (2016), ora realizada com o Prof. Luiz Octávio de Lima Camargo, a mesma questão vem à tona: “O que a urbanidade e o que o viver na cidade ensina é o seguinte: não fale com estranhos simplesmente por falar. Se tiver que falar com ele nada de intimidade, faça o que tem de fazer e ponto final. E ainda ensina a ter muito cuidado para criar vínculo sem saber de quem se trata. A urbanidade só coloca barreiras para a verdadeira hospitalidade”, ressalta o entrevistado.

Desse modo, acolher o outro como hóspede significa aceitarmos e recebê-lo em nossa cidade, em nossa casa, colocando à sua disposição o melhor do que somos e possuímos em busca de lugares de eleição para mediação humana. A hospitalidade permite romper com um ciclo egoísta, por meio de uma dimensão ética, solidária e responsável com a vida em comum nos espaços sociais (Brusadin & Panosso Netto, 2016). Eis o debate que se faz necessário no espaço acadêmico entendido como território e o sujeito que nele habita, o *homus academicus*, afinal é esse indivíduo que pertence a esse ambiente, que fomenta as relações sociais e promove pensar as questões humanas para o bem estar coletivo na academia. A partir disso, é de suma importância entender o que é hospitalidade e seu processo histórico-social.

A hospitalidade antes de ser ligada a sociologia, antropologia, filosofia e, mais recentemente ao comércio, esteve vinculada à religião. O seus primeiros indícios são na Grécia Antiga, Roma e depois no Cristianismo em que nota-se a ideia do acolher o próximo como uma necessidade primária do viver bem.

A hospitalidade na Grécia Antiga era uma forma de honrar os Deuses que era essencial e fundamental para a organização social da época. Para os gregos a verdadeira hospitalidade era não se importar quem é o hospede, pois a hospitalidade generosa dada gratuitamente ao estranho era considerada a mesma oferecida aos Deuses. E os gregos acreditavam, ainda, que o fato do indivíduo sair da sua casa havia um motivo específico, ou seja, uma missão e com isso, esperava-se que o anfitrião fosse capaz de ajudá-lo e dar assistência (O’Gorman, 2005).

Já segundo a cultura romana, apresenta como exemplo de hospitalidade a história a concepção dos deuses:

*The connection of hospitality with a foreigner imposed various obligations on a Roman. Among these were to receive in their house the hospes (traveller): ‘they enjoyed the hospitality of private citizens whom they treated with courtesy and consideration; and their own houses in Rome were open to those with whom they were accustomed to stay’ (Livy, History of Rome, 42:1). There were also duties to protect guests and to represent them as patron in the courts of justice if need be (O’Gorman, 2005, p. 145).<sup>i</sup>*

O Cristianismo trabalhou seus ideais a partir de elementos de hospitalidade, ainda que calcados, em alguns casos, no mundo politeísta greco-romano. Em tempos de guerras medievais perenes, a hospitalidade nas igrejas e mosteiros será tanto um resquício da sacralidade dos templos pagãos, como um sinal de distinção, em particular nos mosteiros em meio ao campo, protegidos também pela sacralidade do deserto ou do bosque. A hospitalidade dos mosteiros, mesmo quando ultrajada com certa frequência, fornecia um quadro de contraposição entre um mundo em guerra permanente e uma acolhida sancionada pela proteção divina” (Beltramo, 2015 apud Funari & Frederico, 2017)

Antes de se institucionalizar e se impor ao direito, a hospitalidade aparece antes de tudo como uma lei religiosa que ordena ao homem que ame, alimente e vista o estrangeiro como se este fosse o próprio Deus. Diz o Êxodo: "Você amará o estrangeiro porque foi estrangeiro no Egito" (Deut, X, 18, 19). A hospitalidade preocupa tanto ao hóspede que passa apenas um dia como ao morador. [...] No Novo Testamento, a hospitalidade é definida como o fruto da caridade e deve beneficiar os outros, aqui também na reciprocidade das perspectivas, como beneficiou a Cristo. [...]. No entanto, se a Bíblia está repleta de exemplos de hospitalidade piedosa, as ofensas e as violações de sua lei são numerosas, punidas, bem como a parcimônia que os acompanha. E, como na mitologia grega, Deus e impõe aos homens provações de hospitalidade (Gotman, 2019, p. 162).

Nesse sentido, a hospitalidade e hostilidade de Deus para com os seres humanos caminham juntas e apenas o Evangelho nos mostra uma hospitalidade total de Cristo em relação aos estrangeiros, aos doentes, às mulheres, abrangendo inúmeros textos e contextos do Antigo e Novo Testamento. A palavra hospitalidade significa a ação de hospedar (hospedagem) enquanto característica de uma pessoa que acolhe bem, com gentileza e amabilidade (hospitaleira). Logo, tem por sinônimo os termos acolhimento e hospedagem e, como antônimo, a inospitalidade – aquele que não acolhe com gentileza e amabilidade (Marcelino & Camargo, 2017). Assim sendo, a hospitalidade é uma prática antiga a qual pode-se perceber pela religião cristã, ainda que os elementos dela própria seja dos povos originários do planeta.

Derrida (2003) entende a hospitalidade como algo infinito, incondicional e acredita ser uma relação assimétrica a qual depende da abertura das fronteiras que separa o indivíduo um dos outros. Além disso, o autor enfatiza que qualquer tipo de barreira e um direito de

hospitalidade é o resultado da perda da sua incondicionalidade. Essa hospitalidade é a prescrita para a cidade refúgio, qual concede direito de asilo ao estrangeiro, seja ele imigrado, exilado, refugiado, deportado ou apátrida, em virtude de seu dever de hospitalidade, do direito à hospitalidade. Tal pressuposto pode ser pensado no ambiente acadêmico?

Fato é que a hospitalidade derridariana propõe um ideal de acolhimento sem impor condições, antes de saber e indagar o que quer que seja, ainda que seja um nome, ou um documento de identidade. Para tanto, é importante entender a hospitalidade como referência da casa como terra de asilo.

*(...) el anfitrión que recibe (host), quien acoge al invitado o huésped (guest), el propietario del lugar, es en verdad un huésped recibido en su propia casa. Recibe la hospitalidad que él ofrece en su propia casa y de su propia casa, que en el fondo ya no le pertenece. El anfitrión como host es un guest. La habitación se abre a ella misma, a su “esencia” sin esencia, como “tierra de asilo”. Quien invita es invitado por su invitado. Quien recibe es recibido, recibe la hospitalidad de aquello que considera su propia casa, incluso su propia tierra. Así, para el autor es preciso acoger al otro en su alteridad sin esperar y no se limita a reconocer sus predicados reales (Brusadin & Panosso Netto, 2016, p. 526).*

Entretanto, segundo Gotman (2019, p. 168), “a hospitalidade assume um caráter relativamente gentil e pacificador, do qual nem todos os desafios estão ausentes, tanto para quem oferece - oferecer hospitalidade ou enviar um convite, a palavra não é neutra – como para o visitante, recebido mas mantido em seu lugar e solicitado a devolver o convite.”

De modo amplo, Marcel Mauss (2008) diz que a dádiva é um modo amplo que envolve presentes, visitas, festas, variadas prestações e afirma que a vida social é um grande ciclo de dar, receber e retribuir, o qual resumiremos em tríade. Ou seja, as sociedades progrediram na medida em que elas mesmas, seus subgrupos e seus indivíduos, souberam estabilizar suas relações, dar, receber e, enfim, retribuir. Isso possibilita a comunicação entre os indivíduos, a sociabilidade, alianças e laços social, tornando-se uma proposta de paz entre os homens, nos dizem Reis e Brusadin (2013).

Um aspecto fundamental também discutido é o fato de as trocas serem simultaneamente voluntárias e obrigatórias, interessadas e desinteressadas, úteis e simbólicas. Coexistem, portanto uma liberdade e uma obrigação de dar e receber, assim como uma liberdade e uma obrigação de retribuir (Pimentel et al., 2007)

Nas palavras de Mauss (2008) a integração social se vale do vínculo espiritual e material em seu cunho simbólico: misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam no fenômeno de prestação total. Junto a isso, nas regras de direito e moral não retribuir e não aceitar o presente implicam no rompimento da sociabilidade pois, segundo Mauss (2008) equivale declarar guerra por ser uma recusa ao laço entre os envolvidos e a comunhão. Contudo, uma dádiva realizada por obrigação, por obediência a uma norma, é considerada de qualidade inferior. As regras devem permanecer implícitas, não formuladas. Os membros de um sistema de dádiva possuem uma relação muito particular com as regras. Antes de mais nada, as regras devem estar implícitas e isso se equivale as leis não escritas de hospitalidade. Tal lógica é de difícil entendimento para uma sociedade de nossos tempos marcada pelo utilitarismo e o individualismo.

Nesse sentido, ao oferecer uma dádiva implica indiretamente o sacrifício de quem oferece, segundo Brusadin e Panosso Netto (2016). Entretanto, há o pressuposto da quebra da tríade maussiana com a antidádiva que é tomar – faltar – rejeitar, constitutivo de um ciclo que se desenvolve na direção contrária à da relação promotora de crescimento e

aprendizagem. Afina-se, portanto, com a crítica ao modelo de relações contemporâneas, solidificado em trocas de natureza econômica, formais, utilitárias, marcado pelo enfraquecimento do desejo do outro e da incondicionalidade no acolhimento. Junto a isso, no modelo maussiano de hospitalidade, espera-se que, quando alguém chega, se instale um potencial de troca com os anfitriões. Na hostilidade, por outro lado, não há o dar, nem o receber, nem o retribuir, e os ciclos de adensamento relacional não se desenvolvem. É desencadeado um outro ciclo, negativo e antagônico, marcado pela crença de que o estrangeiro nada traz, ativando a inospitalidade na sua forma mais primária (Santos et al., 2017).

Na perspectiva dialética da hospitalidade, situa-se o pensamento grego antigo de Heráclito (Fr. 53): “o conflito é pai de todas as coisas”. Assim, sendo, a dádiva é o antídoto da guerra, afirmam Funari e Frederico (2017). Nesse raciocínio, é necessário situar a obra kantiana que está baseada na dimensão política e ética do homem contemporâneo o qual proporciona uma reflexão social do homem, observando que sua condição é finita, imperfeita e frágil, mas mesmo assim, apta ao convívio social. Kant institui como forma de ter-se uma convivência pacífica entre todos os povos o direito à hospitalidade universal, que é um direito de todos, visto que, é um viés da liberdade: o ato de ir e vir por aonde quiserem. Portanto, é uma forma de evitar a hostilidade, visão de ameaça sob o estrangeiro. (Comandulli, 2015).

De acordo com Tomillo Noguero (2013), Kant construiu uma ideia de benevolência a partir da profundidade do ser que desperta deveres com os outros de forma sincera, por meio de fundamentos morais em uma orientação prática específica, a fim de fazer amigos e evitar inimigos pelo exercício da virtude humana. Filósofo importante na construção de um contexto do olhar para o outro é Lévinas. Segundo Brusadin e Netto (2016), Lévinas orienta a sua interpretação para a equivalência de três conceitos: fraternidade, humanidade e hospitalidade, sendo esta última o lugar oferecido ao estrangeiro, homem e irmão, unido à memória da palavra de Deus. A hospitalidade indica uma paz que não é puramente política no sentido tradicional do termo, nem simplesmente política. Pertence a um contexto em que a reafirmação da ética, da subjetividade do hóspede como subjetividade do refém, desencadeia a passagem do político para o que está além do político ou o que “deixou de ser político”.

(...) uma abertura à alteridade como forma de viver no mundo, oferecendo uma nova visão à ética, fundada na heteronomia da relação com o outro. O princípio ético do filósofo está fundado na ética da alteridade, em que o eu é deslocado do seu próprio ser e assume a responsabilidade incondicionada e infinita na hospitalidade e acolhimento do outro. Mais do que uma proximidade, a hospitalidade incondicional é um movimento do eu, que é levado ao encontro do outro despido de qualquer endereçamento e enraizamento do ser. O outro é aquele que resiste e rompe a fronteira do conhecido e descortina para o caminho da responsabilidade ética. [...] . O sentido ético do eu é ser responsável e estar a serviço do outro por meio do acolhimento e reconhecimento, “[...] sou responsável por outrem sem esperar a recíproca, ainda que isso me viesse a custar a vida. A recíproca é assunto dele (Levinas & Pivatto, 1997, p. 82).

Portanto, mesmo na incondicionalidade da acolhida ao outro, Lévinas assume a presença de um terceiro, aquele que rompe, que traumatiza, que transforma a hospitalidade em hostilidade (Comandulli, 2015). Lévinas entende que a hospitalidade é um dos traços fundamentais da subjetividade humana na medida em que representa a disponibilidade da consciência para acolher a realidade exterior a si que, quando testemunhada por outra pessoa, só pode afirmar-se como abertura da consciência, como hospitalidade (Wada et al., 2015).

A partir de tal concepção sociológica e filosófica, pressupõe-se que seja possível compreender os processos de hospitalidade na acadêmica com vias para a construção de um

ambiente acolhedor, ainda que os processos conflituosos sejam parte deste ambiente. A abstração dos conceitos trabalhados acima traz a necessidade de uma metodologia de pesquisa que busque compreender os processos de dádivas dentre os sujeitos protagonistas que compõem a cena universitária, especialmente a partir da políticas para os que necessitam de cuidado, ajuda e abrigo.

## Metodologia

A partir de tais discussões sobre o conceito social de hospitalidade, pode-se relacionar a questão universitária da UFOP, visto que é uma sociedade acadêmica com leis escritas e não escritas as quais há direitos e deveres para os seus diversos atores. Há projetos na UFOP que apresentam propostas de acolhimento a grupos de estudantes organizados pelos departamentos ou por suas pró-reitorias. Nesse sentido, analisamos alguns projetos de assistência social direcionados aos estudantes organizados pela PRACE (Pró Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis) os quais buscam acolher os mesmos com dificuldades financeiras, psicológicas e outras mais.

Não obstante, importante salientar que os espaços de acolhimento aos estudantes precisam estar vinculados ao acolhimento dos demais atores da própria universidade, tais como: técnicos-administrativo, professores e funcionários terceirizados e a própria comunidade onde a universidade está inserida. O tecido de tais relações são formados pelos processos de trocas dentre os mais diversos grupos.

Portanto, nessa perspectiva, busca-se a partir dessa pesquisa entender as práticas de hospitalidade [e hostilidade] da Universidade Federal de Ouro Preto aos seus diversos atores com uma pesquisa observatória participante referente ao cotidiano acadêmico e mediante aos relatos dos atores que compõe a cena social e seus ritos de encontros acadêmicos.

O elemento metodológico selecionado para esta pesquisa é a observação participante em meio ao ramo acadêmico e seus diversos grupos: estudantes, técnicos-administrativos, professores e gestores da UFOP, assim como, com membros da comunidade de Ouro Preto. A ideia é entender as relações entre membros desta sociedade e suas relações de hospitalidade e hostilidade.

Conforme Araújo (2008, p. 112), este método “dará ao pesquisador condições para entender a gênese da estrutura das representações sociais, além de libertá-lo da quantificação e da experimentação prematura, que podem gerar a fragmentação do fenômeno estudado”. Ainda segundo a autora, é preciso observar os indivíduos em seu próprio território e interagir com eles por meio da linguagem e a sua maneira, aproximando-se dos métodos utilizados na pesquisa antropológica na interpretação das culturas.

Diante disso, concordamos com Sales et al (2010, p. 10) ao considerar que os estudos em hospitalidade, enquanto manifestação da dádiva, podem constituir bases para a compreensão das relações entre os “protagonistas da hospitalidade”. “Assim, a abordagem metodológica nas pesquisas sobre hospitalidade e dádiva deve se adequar a cada uma das disciplinas que compõem as Ciências Sociais, uma vez que o objeto é a sociedade”.

A observação participante se constitui na familiaridade com o objeto pesquisado e a capacidade de participar do seu universo, mas não elimina o laborioso trabalho de coleta sistemática de dados, nem a interpretação e integração da evidência empírica de modo a recriar a totalidade vivida e apreendida pela intuição do pesquisador. O equipamento material, a organização social e o simbolismo constituem três dimensões intimamente vinculadas à realidade que deve ser compreendida integral e simultaneamente (Malinowski, 2018).

Importante salientar que, para este artigo, situamos os dados preliminares da pesquisa, pois a pesquisa de campo *in loco* foi inviabilizada em virtude da pandemia do COVID-19. De toda forma, por meio do debate teórico realizado e dos relatos recolhidos, é possível tecer hipóteses sobre a presente pesquisa realizada em nível de iniciação científica.

## Resultados e Discussão

Segundo o Dicionário Informal de Português (2020), “o termo academia tem sua origem na Grécia, em torno do século III AC, quando Platão passou a reunir pensadores que discutiam questões filosóficas em um local chamado Jardins de Akademos (herói Ateniense). O grupo passou a ser conhecido por Akademia. Com o tempo, a reunião de pessoas especializadas em uma determinada área também passou a receber a mesma denominação. Mais tarde o termo passou a ser usado também para designar estabelecimentos de ensino superior e posteriormente escolas onde se ministram práticas desportivas, artísticas e outras. Sociedades de caráter científico, artístico ou literário também passaram a ser denominadas de academia. Atualmente, quando nos referimos genericamente à academia, estamos nos referindo ao sistema educacional e ao meio intelectual como um todo.”

A hospitalidade acadêmica pode ser entendida como o conjunto das relações sociais estabelecidas no meio acadêmico entre estudantes, professores e prestadores de serviços no espaço universitário, ou mesmo, indiretamente quando tais relações extrapolam o meio físico da universidade a partir da relação com a comunidade local, cidades, estados e países. Essas relações se valem de experiências entre o conhecido e o desconhecido, trocas culturais e profissionais.

A partir de tais pressupostos teóricos recentes no Brasil, o conceito de hospitalidade acadêmica traz à tona discussões que torna possível dimensionar algumas ações de acolhimento institucional na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Em primeira instância, situa-se a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE), órgão que visa proporcionar condições de permanência aos estudantes, técnicos administrativos e docentes da Instituição, buscando sempre o bem estar psicossocial de toda comunidade da Universidade. A PRACE oferece: orientação estudantil, e tem como objetivo de acolher e a integrar os alunos calouros ao contexto escolar da universidade considerando os aspectos pedagógicos, acadêmicos e psicossociais para permanecerem e conseguirem concluir o curso.

Além disso, a PRACE oferece ações afirmativas no âmbito da UFOP junto ao ensino, pesquisa e extensão, com o objetivo de ampliar as condições de permanência por meio do Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência/PIDIC. Portanto, a PRACE busca por meio do ensino, pesquisa, extensão, programas com auxílio remunerado e moradias públicas como as repúblicas federais e os conjuntos universitários para que o aluno seja acolhido da melhor forma ao chegar a Universidade e continue sendo acolhido como forma de sentir-se pertencente ao local e concluir sua graduação da melhor forma possível, por isso, pode ser entendido como hospitalidade acadêmica, porque é uma forma de trocas entre a PRACE e o aluno envolvido da seguinte forma: a Universidade cede verba e oferece diversos programas para que o aluno se adapte da melhor forma possível ao longo de sua graduação, afim de que, o aluno possa usufruir e abusar de todas as oportunidades da Universidade e do ensino de qualidade oferecido.<sup>ii</sup>

O Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência (PIDIC) na Escola de Direito, Turismo e Museologia (EDTM) se propõe a trabalhar para suprir com as demandas dos calouros da UFOP, em especial cotistas, para sua inclusão e conseqüente permanência na universidade. O objetivo do projeto é acolher e acompanhar o aluno cotista da EDTM, para que ele possa se integrar ao ambiente universitário. Embora o conceito de hospitalidade não seja trabalhado explicitamente no projeto percebe-se seus ideais filosóficos em suas práticas.<sup>iii</sup>

Esse projeto é importante para aqueles que ingressam na UFOP nos cursos da EDTM, para ter o apoio durante sua chegada a universidade por “veteranos”, tirar dúvidas, saber a quem procurar em situações específicas, ser ajudado em todo e qualquer ambiente dentro da universidade. O projeto existe justamente porque todo semestre ingressam pessoas alunos cotistas, e essas pessoas sempre irão precisar de um norte quando chegam em um ambiente desconhecido. A função do projeto PIDIC é justamente acompanhar ao longo do primeiro semestre e ano esse estudante, para que ele se sinta pertencente a universidade e que possa usufruir de todo e qualquer espaço dentro do campus. O aluno é orientado de todos os seus direitos como: bolsas, moradias, campus e a cidade de Ouro Preto. O acompanhamento do projeto é realizado a partir de reuniões, mesas redondas e workshops para que essas pessoas consigam se sentir acolhidas e pertencentes ao ambiente ufopiano.

Outro projeto importante que pode ser considerado um exemplo de hospitalidade acadêmica na UFOP é o Projeto de extensão "Prevenção ao suicídio em Ouro Preto: um caminho possível à valorização da vida". Atualmente o projeto desenvolve ações de forma online devida a pandemia. Mesmo de forma remota, esse projeto visa estimular o aprendizado relativo a questões emocionais, prevenção ao suicídio e temas que perpassam o momento atual de pandemia, promovendo o autoconhecimento e a autoestima através da abordagem de diversas temáticas. Através de pesquisas bibliográficas, seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde, foram realizadas atividades virtuais semanalmente, com metodologias ativas e participativas e técnicas com rodas de conversa, palestras, meditação e técnicas integrativas. Há participação da comunidade acadêmica da UFOP e de outras instituições de ensino, em especial, de estudantes de diversos cursos da UFOP e de outras universidades.<sup>iv</sup> Através dos relatos dos participantes deste projeto é possível observar sintomas de ansiedade, preocupação, insônia e outros em virtude da pandemia e do esgotamento emocional. Inclusive, quando nota-se algum aluno em grande sofrimento é encaminhado para profissionais qualificados e autorizados remotamente, para que, esse aluno receba todo apoio e acolhimento necessário nesse período, para que assim, evite a piora de seu quadro e os seus estudos. Com isso, o projeto a partir de rodas de conversas e atividades que fomentem o relaxamento e o bem estar, estimula o acolhimento e auto estima dos participantes.

Esse projeto é tem significância na universidade por ser uma forma de acolhimento ao aluno que está em sofrimento psíquico durante seu processo de graduação. Além disso, ajuda na práxis da hospitalidade porque favorece que o indivíduo consiga se abrir e receber os devidos cuidados no ambiente universitário, ou seja, a partir da sua participação e da avaliação dos envolvidos do projeto conseguem avaliar se é necessário que esse aluno precise de uma ajuda profissional como psicólogo e psiquiatra dentro da própria universidade. Possibilita que o aluno tenha o direito de acesso a profissionais especializados para a realização de um tratamento ideal e ainda consiga melhorar seu quadro e não atrapalhar seus estudos e suas relações sociais. Portanto, percebe-se que a Universidade busca acolher o aluno para que ele consiga permanecer na UFOP e sinta-se bem no ambiente acadêmico.

Já pensando na relação de acolhimento acadêmico entre a UFOP e a população local tem-se dois projetos que é o Conviver e o Universidade Desce o Morro. Primeiramente, O Projeto “Conviver: Valorização e Capacitação de Pessoas para o Turismo Vivo” é um projeto de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto, vinculado ao Departamento de Turismo da Universidade, juntamente com a Secretaria de Municipal de Desenvolvimento Social, Habitação e Cidadania de Ouro Preto. Desde 2017, realiza ações que buscam sensibilizar, capacitar e fortalecer o sentimento de pertencimento do cidadão Ouro Pretano, gerando um sentimento de apropriação da cidade à jovens, mulheres e famílias, com o *objetivo da* valorização do desenvolvimento local da atividade turística e cultural da cidade, que é um polo turístico mundial. As ações são realizadas semanalmente, divididas em dois módulos:

específico e integrador, onde são abordados temas que permitem incentivar aspectos de cidadania, da cidade e do turismo local. Além da promoção de oficinas, debates e vivências, que possibilitam aos participantes sua inserção social, fomentando o aprimoramento pessoal e profissional, o desenvolvimento da autoestima e empoderamento através do senso crítico, trocas de experiências, respeito às diversidades, entre outros aspectos.<sup>v</sup>

A partir da atuação desse projeto percebe-se a importância de se acolher a população ouro-pretana, principalmente, de classes mais baixas e majoritariamente negra, em que muitos são excluídos socialmente devida suas características. Com isso, a UFOP junto ao Departamento de Turismo, promove a qualificação, o acolhimento e o sentimento de pertencimento, visto que, muitos não se sentem representados nos espaços da cidade e na universidade, por pensarem em muitas ocasiões ser um espaço para turista e um espaço que não cabe a eles, respectivamente. Portanto, esse projeto acadêmico busca promover a hospitalidade para pessoas marginalizadas ao fortalecer seu sentimento coletivo e com a sua cidade, usando o turismo como forma não somente como um mecanismo econômico, mas como plataforma de troca social.

Por fim, por meio das pesquisas, cita-se outro projeto que visa ações de hospitalidade na UFOP: UDM - "Universidade Desce o Morro" que acontece uma vez no ano, organizado pelas repúblicas federais e particulares, em que objetivam reformar áreas coletivas da cidade para que todos possam ter melhorias e usarem esses espaços. Esse programa já revitalizou praças, uma escola e por último realizaram a troca elétrica, telhado e pintura da APAE da cidade. Junto a isso, no dia da entrega realiza-se uma festa para comunidade, com algumas oficinas, barraquinhas de comida, bebidas e brincadeiras<sup>vi</sup>. Com isso, pode-se perceber uma troca relevante entre as repúblicas da UFOP e a cidade a qual a mesma está inserida. Junto a isso, como forma de retribuir a ação hospitaleira pelos moradores da cidade, os republicanos se juntam para arrecadar dinheiro e reformar locais públicos para a população da cidade. Nesse caso é importante salientar que este projeto é promovido por estudantes republicanos para a melhoria de espaços comunitários, favorecendo assim, o ciclo citado por Mauss de dar, receber e retribuir em uma perspectiva da hospitalidade pública.

A partir da descrição dessas ações podemos supor que a UFOP apresenta ações de acolhimento institucional aos estudantes ingressantes e aos que já estão há mais tempo na universidade. Ademais, verifica-se interações importantes para integração da comunidade local no âmbito universitário. Tais projetos objetivam não apenas proporcionar hospitalidade aos atores envolvidos na cena universitária diretamente ou indiretamente, mas também, lidar com as hostilidades causadas pelas alteridades sociais, étnicas e psíquicas. Muitos projetos de extensão da UFOP trabalham ações que visam a inclusão e as trocas sociais os quais mereciam um levantamento mais profundo em análises futuras. As ações aqui levantadas indicam propostas de hospitalidade acadêmica as quais poderiam ser fortalecidas em diversos âmbitos com mais interlocução entre as universidade, os gestores municipais e os cidadãos de Ouro Preto. A perspectiva de criar projetos integrados de hospitalidade em diversos setores da universidade para os membros da comunidade acadêmica e para os cidadãos de Ouro Preto é algo que pode ser fortalecido.

## Conclusão

Apesar das ações significativas neste âmbito, a UFOP ainda não apresenta uma plataforma integrada de hospitalidade acadêmica cujo termo ainda não é associado frente ao seu alcance filosófico e social. Entretanto, pode-se perceber que a UFOP apresenta atitudes hospitaleiras e que busca formas acolher o estudante e a comunidade com suas alteridades e necessidades. Estabelecer uma política de hospitalidade acadêmica é o desafio institucional que cabe as universidades brasileiras com o intuito de atingir o seu pressuposto educacional e ético diante das desigualdades sociais presentes no território brasileiro.

Este artigo tratou da hospitalidade acadêmica e a importância dos projetos com os estudantes e a comunidade local a qual a universidade faz parte. No caso estudado, verifica-se a tentativa da criação de laços sociais, estreitamento das relações entre os participantes, trocas culturais e de vivências. Ou seja, a UFOP não só propõe acolhimento para seus alunos, mas também para a população local, como forma de retribuição a cidade por receber os alunos e serem hospitaleiros aos estudantes, além de proporcionar a qualificação de pessoas que muitas vezes não recebem muitas oportunidades no mercado de trabalho por diversos motivos como: baixa escolaridade, baixa renda, cor da pele e demais característica que compreende normalmente as minorias sociais.

Portanto, as dádivas são exercidas por meio de relações estabelecidas neste espaço acadêmico especialmente nas trocas entre os atores que se dispõem a incluir e a assistir o outro. Muitas das relações construídas a partir dos projetos da UFOP fortalecem o senso de comunidade acadêmica e de justiça social. O presente trabalho aponta a necessidade da continuação dos estudos para um conceito apropriado de hospitalidade na academia, em vias do pensamento humano e social, para a construção de espaços acadêmicos mais plurais e democráticos, o convívio com as diferenças e o atendimento das necessidades mais urgentes de nossa sociedade.

## Referências

- Araujo, M. C. de. (2008). A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, ano V, n. 2, jul – dez.
- Bastos, S. R., Rameh, L. M., & Bitelli, F. M. (2016). O conceito de hospitalidade de Jacques Derrida nos artigos científicos do Portal de Periódicos da Capes. Anais XIII Seminário ANPTUR.
- Brusadin, L. B. (2016). O sentido do acolhimento na hospitalidade : entrevista com Conrad Lashley. *Caderno virtual de turismo*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, pp. 9-14.
- Brusadin, L. B. (2016). O estudo da hospitalidade por Luiz Octávio de Lima Camargo : epifania da dádiva. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, volume 13, n.02, pp. 242-247.
- Brusadin, L. B. ; Panosso Netto, A. (2016). La dádiva y el intercambio simbólico : supuestos sociológicos y filosóficos para la teoría de la hospitalidad en las sociedades antiguas y modernas. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, v. 25, pp. 520 – 538.
- Comandulli, S. P. E. (2015). A ética da hospitalidade no reconhecimento do outro. *Seminário de Pesquisa Em Turismo Do Mercosul, Caxias Do Sul, Universidade Caxias Do Sul*, pp. 3–8.
- Camargo, L. O. de L. (2015). Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo.
- Derrida, J.; Dufourmantelle, A. (2003). *Da hospitalidade*. Trad. Fernanda Bernardo. Viseu: Palimage.
- Derrida, J. (1995). *The gift of death*. Chicago and London: The University of Chicadg Press.
- Funari, P. P. ; Frederico, I. B. (2017). A espiritualidade na hospitalidade: uma viagem da Antiguidade às Minas Gerais. In: Brusadin, L. B. *Hospitalidade e Dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento*. Curitiba: Primas.

- Gotman, A. (2019). Hospitalidade em sentido próprio e figurado. *Revista Hospitalidade*, 16(3), São Paulo, pp. 160–174.
- Lévinas, E. (2004). *Entre nós*. Ensaio sobre alteridade. Vozes: Petrópolis.
- Marcelino, G. K., & Camargo, L. O. De L. (2017). Dimensões teóricas da noção de hospitalidade. In: Brusadin, L. B. *Hospitalidade e Dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento*. Curitiba: Primas.
- Mauss, M. (2008). *Ensaio sobre a dádiva*. Trad.: António Filipe Marques. Lisboa: Edições 70.
- O’Gorman, K. D. (2005) Modern Hospitality: Lessons From the Past. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 12(2), pp. 141–151.
- Pimentel, A. B; Barbosa, R.; Sansolo, D.; Irving; M.A. (2007). Dádiva e Hospitalidade. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, Vol. 7, N. 3.
- Reis, C. U. F.; Brusadin, L. B. (2013). A identificação feminina com o campo da hospitalidade. Anais do V Encontro de hospitalidade e turismo da Universidade Federal Fluminense, p. 790–802.
- Sales, M. do R. R.; Bueno, M. S.; Bastos, S. (2010). Desafios da Pesquisa em Hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. VIII, n.1, jan.-jun.
- Santos, M. M. C. Dos; Perazzolo, O. A.; Ferreira, L. T. (2017). Dádiva e antidádiva: reflexões sobre aceitação e rejeição. In: Brusadin, L. B. *Hospitalidade e Dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento*. Curitiba: Primas.
- Spolon, A. P. G., Netto, A. P., & Baptista, I. (2015). A interação em pesquisa e a importância do exercício da hospitalidade em ambiente acadêmico. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, pp. 179–217.
- Tomillo Noguero, F. (2013). La hospitalidad como condición necesaria para el desarrollo local. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. X, n. 2.
- Wada, E. K., Cavenaghi, A. J., & Salles, M. Do R. R. (2015). O marco comparativo e teórico dos estudos de hospitalidade no Brasil. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, pp. 93–111.

---

<sup>i</sup> Tradução livre: A conexão de hospitalidade com um estrangeiro impôs várias obrigações a um romano. Entre estes deviam receber em casa o hospes (viajante): ‘gozavam da hospitalidade de cidadãos privados a quem tratavam com cortesia e consideração; e suas próprias casas em Roma estavam abertas para aqueles com quem estavam acostumados a ficar’ (Tito Lívio, História de Roma, 42: 1). Havia também o dever de proteger os hóspedes e representá-los como mecenas nos tribunais de justiça, se necessário.

<sup>ii</sup> Cf.: <https://prace.ufop.br>

<sup>iii</sup> Cf.: <https://prace.ufop.br/assistencia-estudantil/orientacao-estudantil/incentivo-diversidade-e-convivencia-pidic>

<sup>iv</sup> Cf.: <https://www.proex.ufop.br/projetos-isolados/prevencao-ao-suicidio-em-ouro-preto-um-caminho>

<sup>v</sup> Cf.: <https://www.proex.ufop.br/projetos-isolados/conviver-valorizacao-e-capacitacao-de-pessoas-para-o-turismo-vivo-1>

<sup>vi</sup> Cf.: <https://ufop.br/eventos/universidade-desce-o-morro>